



CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE

Ata da reunião de 10 de julho de 2019

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

Monitoramento das emissões de gases de efeito estufa da cidade do Rio:

Carlos Krykhtine (falando do LATAM Smart City Awards 2019):

- A ONG Observatório Social do Brasil que tem uma atividade muito proativa, interage muito com a nossa Controladoria e ajuda na observação no trabalho da Prefeitura: no controle das contas, nas licitações, na transparência...

- Eles estão em Niterói, estão em Maricá, estão na Região Serrana... Eu conversei com a Tatiana Bastos, que estava lá representando a ONG .Ela cuida do Observatório do Rio. Ela não estava concorrendo com o trabalho do Rio, ela estava concorrendo com o trabalho nacional. Mas ela foi escolhida como a pessoa para ir lá receber o prêmio. E foram eles que ganharam o grande prêmio.

- Eles ganharam o prêmio dentro da categoria que estavam concorrendo. Então isso foi interessante para o Brasil trazer, também, essa questão. Ela recebeu o prêmio, assim como nós recebemos o prêmio da categoria finalista. São 12 ganhadores, são 4 categorias.

- Na nossa premiação, na nossa categoria que o Data.Rio estava concorrendo, a minha avaliação é que eles não iam dar três prêmios para o Brasil. Eles acabaram dando um e não iam dar nas outras categorias que eles têm.

- Estava conversando com o Arueira... O nosso produto tinha amplas vantagens para ganhar o prêmio máximo dessa categoria, mas é o que eles falam... Todos os finalistas são grandes premiados.

- Dos nossos concorrentes, um que eu achei interessante foi uma empresa que fazia uma espécie de uberização da distribuição da água. Lá no México têm muitos concessionários de água, boa parte dos concessionários na atividade privada. Eles não tem um governo organizado ali (no setor de água) e eles são bastante deficitários por conta disso. Eles montaram um arcabouço tecnológico para ligar o cliente da ponta a esse fornecedor, a essas instalações de água. E eles, com esse trabalho, estão resolvendo o problema do déficit.

- Outro que estava na nossa categoria, que era também uma empresa privada, operou com uma ferramenta voltada para segurança pública. Era uma coisa que os bairros em Buenos Aires e as associações utilizam e integram informações de segurança usando as câmeras dos edifícios, usando a própria informação em rede. Coisa que aqui a gente faz muito pelo Whatsapp. Nos bairros, as associações de moradores comentam muito sobre a questão de segurança, eles tem uma ferramenta para tratar isso.

- Esses eram o que estavam concorrendo. Ninguém tinha uma questão de amplo espectro como é o Data.Rio e o SIURB. E, então, eles ficaram bem interessados. A gente fez uma boa

propaganda das nossas iniciativas. Acho até que, talvez, surja um convite para ir lá como palestrante, na verdade para falar sobre as iniciativas de integração do SIURB e Data.Rio. Passar a ser um palestrante difusor de como é que funciona essa governança, de qual é o arcabouço tecnológico por trás disso...

- Achei até que estava extremamente acanhada a feira. Havia um stand com uma empresa que seria a Imagem lá no México. Então pode ser uma boa parceria para gente estar com uma pegada mais forte na próxima edição.

- O Smart City é organizado lá na Europa e têm algumas etapas latino americanas. O Arueira teve em Buenos Aires, que era uma das etapas organizadas lá. No Brasil, quem é o parceiro organizador é a Prefeitura de Curitiba, e essa é a etapa maior que acontece no México. Depois disso só na Europa mesmo, lá em Barcelona. Foram três dias de evento e isso é mais ou menos o que eu posso trazer para vocês sobre o que aconteceu lá.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Maravilha! Parabéns à equipe. Obrigado pelo Arueira, pelo Adriano. Agora o Carlinhos também vai e, também, o Felipe, todo mundo. Quero citar que agora o SIURB está fazendo cinco anos, no dia 2 de julho, e agora tem um garoto propaganda que é o Sergio Besserman.

Aparte do conselheiro Sergio Besserman: Vocês vão ter muitos desafios pela frente, Houve essa polêmica relativa ao (inaudível) de 2020 e um dos elementos foi justamente o aspecto que a gente só tem informação para (inaudível) amostras pequenas, (inaudível). Ou seja, uma operação que lembra a União Soviética. Fábrica que faz desde parafuso até o avião de dez em dez anos.

E se anda tendo uma polêmica de 2020 e aí isso é um outro assunto, eu e Mauro vamos trocar ideias sobre isso, nós temos o mesmo posicionamento: nem é tudo lá e nem é tudo cá também. Mas em 2030 não existem nenhuma possibilidade de... não existe nenhuma possibilidade do Censo IBGE, mesmo na situação econômica muito melhor, continuar a reproduzir esse modelo tão antigo. (inaudível) Porque o mundo vai ter abandonado isso completamente. E o papel dos registros administrativos é uma das coisas que supre uma operação (inaudível) censitária. Sendo que juntando com a primeira parte que eu dizia, os registros administrativos mais de responsabilidade federal vão ajudar em várias coisas lá. Mas muita coisa só será possível de ser obtida por Prefeituras bem organizadas num sistema de registro administrativo decente. Então, eu antevejo com o SIURB o desafio de ser enquanto IPP, projeto, de ser modelo, de ser requisitado o conjunto de Prefeituras do Brasil para reproduzir cada um, adaptando às suas próprias realidades. Acho que (inaudível) tem um papel enorme. Parabéns a todos.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Não sei se eu já comentei aqui. Agora tem mais um Instituto municipal no Estado do Rio de Janeiro, da Prefeitura de Maricá, que se chama Instituto Darci Ribeiro. E eles estão procurando trabalhar um pouco refletindo o que a gente faz e todas as nossas características (inaudível). Eu acho que é interessante. Poucos municípios no Brasil têm, então eu acho que foi positivo Maricá ter caminhado nessa direção.

Bom, o Programa Territórios Sociais agora está com um grande desafio. Eu tenho procurado divulgar e o Nando vai falar um pouquinho sobre essa nova fase, esse novo desafio. A Andrea agora está lá no Chapadão. Andrea anda nesses lugares com a sua autoridade de pesquisadora como a gente caminha na praia de Ipanema. Sempre com o crachá da Prefeitura, é claro. Nosso Nando vai falar agora.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: O desafio é porque nós começamos a trabalhar com os grandes complexos de favelas do Rio de Janeiro, Jacarezinho, Alemão, Penha, Rocinha, Maré, Pedreira, Chapadão, Cidade de Deus, Lins e Vila Kenedy. Vila Kenedy e Cidade de Deus na verdade são conjuntos habitacionais com favelas na área também, mas basicamente conjuntos habitacionais de baixa renda. Foi feito um convênio com o ONU Habitat autorizado pelo prefeito. Nós repassamos o recurso e eles a logística da operação, melhor dizendo, a infraestrutura da operação toda do programa que é a contratação de pessoas e a gerência desse pessoal todo que trabalha em campo. Além de alguma ajuda técnica. Mas o programa já está bastante consolidado em termos de

metodologia. Aquela mesma metodologia de nós irmos aos domicílios que estão situados em setores censitários como menores índices de desenvolvimento social.

Interessante dizer que nesses complexos nós tivemos que subir um pouco o piso do índice de desenvolvimento social porque eles têm índices de desenvolvimento social um pouco melhores do que o restante da cidade. E depois disso, é feito... nesses domicílios desses setores censitários, em todos eles, é aplicado um questionário rápido, que utiliza também o índice de pobreza multidimensional da ONU para estabelecer então um ranking de pobreza. Aqueles que têm risco social do tipo dois e três, aliás, um e dois, que são os dois maiores, eles são então selecionados para entrar no programa. E aí, já nesse primeiro momento, já tem até uma inovação metodológica que se o pesquisador de campo encontrar ali alguma criança em idade escolar fora da escola, ele já faz um encaminhamento dessa criança junto com a família e diz como é que deve proceder para conseguir a matrícula na escola.

Depois disso, o agente comunitário de saúde irá nessas casas, nesses domicílios e conversando com todas as pessoas vai fazer o cadastro, se for o caso, no seu sistema de estratégia de Saúde da Família. Depois remete isso ao CRAS, que é o Centro de Referência de Assistência Social. Neste CRAS fica toda a documentação da pessoa, da família, inclusão da família ou não no Cadastro Único do Governo Federal. Pode ser o caso de ter direito ao Bolsa Família ou não, dependendo da situação da família. E se tiver alguma situação de risco, faz um plano de atendimento dessa família junto aos equipamentos da Assistência Social. E pode verificar também uma situação de necessidade de encaminhamento à Secretaria de Educação. Esse é mais ou menos o programa. E depois todo o acompanhamento disso é feito no trabalho de integração bastante forte entre as... principalmente entre as três secretárias: assistente social, educação e saúde. Para se verificar caso a caso qual está sendo o progresso dessa família, dessa pessoa, aliás, e o que falta fazer, quais as providências que têm que ser tomadas, os ajustes, etc. Já começou o programa pela contratação das pessoas, depois de uma árdua tarefa de seleção de currículo vitae que foi de três mil currículos.

Carlos Krykhtine: Os recenseadores são todos da comunidade, então... geralmente são pessoas que já trabalharam na Saúde.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Recebemos quase três mil currículos. Então foi necessário montar uma força tarefa. A ONU tem uma plataforma, a inscrição é completamente transparente e aberta a todos. Já foi feito o treinamento. Até presenciei o treinamento. Primeiro a explicação do programa mais uma vez, todas as metas, todos os passos etc. Depois teve o treinamento de segurança, dado pela Secretaria de Saúde que tem um esquema de segurança muito interessante, com protocolos estabelecidos e postos de saúde. Posto de saúde no sentido amplo, pode ser uma clínica da família. Cada unidade local de referenciamento tem, muitas vezes, um protocolo específico que deve ser feito. E eles têm três níveis de classificação de risco, que são diariamente verificados. Seis horas, cinco horas, cinco e meia da manhã começam a trocar mensagens entre si sobre o risco. Pode ser vermelho: impossível entrar na área, amarelo: tensão muito grande, não se deve também fazer, pode fazer um trabalho lá no centro; e verde, indicando que a situação está boa para pesquisa.

E foi isso muito reforçado junto a esses agentes que vão para campo agora que, se estiver laranja ou amarelo, não podem ir a campo fazer nenhum tipo de trabalho. Até que o sistema volte a ficar verde, porque ele muda durante o dia com informações que chegam para a Secretaria de Saúde daquele posto determinado ali.

Carlos Krykhtine: Eles irão a campo com tablets, usarão uma ferramenta do próprio SIURB em que as informações já vão cair direto dentro da nossa base de dados estruturais. Eles são todos identificados. Vão estar passando agora por esse treinamento da parte tecnológica na semana que vem. E o campo já deve estar começando a acontecer nos próximos 15 dias.

Aparte do conselheiro Fernando Arruda Cavallieri: Interessante também que a ONU deu o treinamento e deverá continuar. A ONU explicou que ela tem para alguns... como o Brasil não é um país em que há terrorismo, esse tipo de coisa, (a ONU) não têm um protocolo de segurança como (o utilizado para) outros países. Mas em algumas cidades aqui, uma delas é o Rio de Janeiro, e a outra acho que é no Acre, Amapá... Existem protocolos para programas específicos. Então tem no Rio de Janeiro, mas não tem para esse programa. Eles vão construir um para esse programa em função da expansão do Rio de Janeiro, especialmente desses

grandes complexos. Então é isso, o trabalho começou já. Mas acho que semana que vem estamos em campo.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Nós entramos, fizemos piloto de 2000 domicílios. O sucesso foi muito grande. Só sinteticamente, a taxa de mortalidade infantil caiu de 8,5% para 3%. Então realmente é um sucesso grande dessa busca ativa e desse trabalho integrado e agora nós vamos entrar em 150 mil municípios, verificando a situação de cerca de 450 mil pessoas na cidade do Rio de Janeiro. É um desafio extremamente grande e muito interessante. Acho que é um caso que continuando e a metodologia sendo um sucesso, vai ser muito bom para essas pessoas das áreas mais pobres. Acho que pode ter uma repercussão e outros municípios passarem a usar. E também abre uma discussão sobre onde é que está a pobreza e mesmo a miséria na cidade do Rio de Janeiro. E aquela discussão que a gente tem feito aqui, se o recorte é favela, não favela, se é centro, periferia. Então estamos aguardando ansiosos como é que vão ser os desdobramentos desse trabalho e dos resultados.

Carlos Krykhtine: Depois que fizer a busca ativa no campo, aí a nossa expectativa é que essa amostra desça para uns 15% talvez dessas 160 mil entrevistas

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Já está sendo georreferenciado?

Carlos Krykhtine: Vai ser... Quando ele entrevistar, a gente vai ter ele localizado. A gente vai saber... a gente vai ter o centro e a periferia. Essa é a abordagem.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Em função do plano, o plano definiu umas áreas de fragilidade social muito grande, principalmente em questão de violência. Basicamente o que se levou em consideração foi a violência, uma questão muito forte (inaudível) baixada. Eu conversei com o Carlinhos sobre isso, da gente conversar com vocês e tentar fazer alguma costura conjunta, ver o que a gente pode fazer para expandir isso para regiões metropolitanas como Baixada Fluminense e São Gonçalo principalmente. São regiões que tem muita fragilidade social.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Já houve a indicação do Conselho Consultivo. A Casa Fluminense foi indicada como presidência da Câmara Metropolitana. E o Conselho Consultivo ele tem pessoas da sociedade civil, associações sociais, universidades, Prefeituras. Eu estou lá representando a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. E já saiu a nomeação ou ainda não?

Pessoa não identificada: Não, porque falta a reunião do Conselho (inaudível) homologar... Tudo tem que ser homologado pelo Conselho. Porque é uma coisa que tem que sair pra fazer, senão não acontecia nada. Então resolveu se fazer aquela reunião, escolheu tudo, definiu tudo, mas de qualquer maneira depende da homologação do Conselho Deliberativo.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Tem previsão de reunião?

Pessoa não identificada: essa é outra ansiedade... porque não é só pela reunião em si, entendeu? É por toda a estrutura da Câmara que está...

Aparte do conselheiro Roberto Medronho: Nesse inquérito vai ser feita alguma questão de morbidade referida? Tem ou teve alguma doença, alguma coisa ou não?

Carlos Krykhtine: Sim. Quando o agente de saúde chega, ele tem a tal da ficha A e uma série de outras questões que eles levantam e a gente vai completando essas informações.

Aparte do conselheiro Roberto Medronho: Porque se ele for cadastrado no Programa de Saúde da Família, vai estar lá um prontuário eletrônico dele. Se ele não for...

Carlos Krykhtine: Fatalmente ele vai ser... ele vai até o ponto em que ele é cadastrado...

Aparte do conselheiro Roberto Medronho: Se ele não for, será cadastrado. Mas aí cadastrando àquela hora, não tem a ideia do que já teve ao longo da vida. Eu estou perguntando isso porque uma coisa que pode ser feita, se tiver o nome das pessoas, o nome completo, a gente pode tentar fazer um link com algumas bases de dados públicas. E tentar resgatar isso via sistema. Histórico de saúde ...Caso a gente consiga localizar. Eu sei que o nome...

Carlos Krykhtine: vai ter o nome completo, pode estar anotado de alguma forma errada, por erro material. Mas também teremos os CPFs e aí teremos também, dependendo da idade, tem quem é a mãe, quem é o pai, tem as relações da família. Então isso já vai poder ajudar bastante...

Aparte do conselheiro Roberto Medronho: Eu me disponho a fazer isso com essa base, fazer o link. E a gente tentar fazer uma análise em relação à questão da saúde. Podemos até fazer comparações dessa periferia, da favela, com dados de moradores da própria favela para ver se dá alguma diferença. Certamente nós vamos encontrar um diferencial, uma desigualdade dentro dessa situação de pobreza. Eu acho que pode trazer muita luz às políticas de saúde e subsidiar a secretaria nas políticas de saúde.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: O que talvez se pudesse fazer também, o pessoal da Universidade Rural pediu já para darmos uma palestra lá. E como vocês têm uma área de saúde pública lá, talvez a gente pudesse fazer uma apresentação, fazer uma discussão bem interessante sobre mediação social.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: só uma questão de ordem técnica, você desculpa... é que você falou isso já umas duas vezes. A taxa de mortalidade infantil é por mil, não é por cem. Então é 8,5% por mil para 3,5% por mil. Mas 5 a 6% por mil é o índice geral dos países desenvolvidos porque têm algumas patologias que não são da intervenção... Não há intervenção. Por exemplo, as patologias genéticas. As aberrações, malformações genéticas, por exemplo, que existem. A criança nasce com uma série de complicações e morre antes de completar um ano de vida e a gente ainda não tem tecnologia... Temos tecnologia para detectar. Primeiro caso que associou a Zika a má formação cerebral e a microcefalia foi uma eslovena que veio ao Brasil e se contaminou. Ela voltou para o seu país com 8 ou 7 meses. Fizeram a ultrassom e falaram: "Seu filho tem um grave problema cerebral. Você quer abortar? Quero". E aí ela abortou. Fizeram a necropsia e viram que tinha calcificação cerebral, microcefalia. Ela tinha sorologia para a Zika.

Em seguida, foi dada a palavra a Felipe Mandarino, gerente de Estudos Ambientais e Mudanças Climáticas do IPP. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:

- Quero aproveitar para agradecer a oportunidade de estar aqui apresentando o trabalho pra vocês. É legal ter aqui o Besserman, pois quando eu entrei aqui no IPP ele era o presidente. Há uns 11 anos, ajudou a plantar a semente das mudanças climáticas aqui dentro, junto com o Arueira. E o espaço que eu tenho pra desenvolver isso aqui dentro, dado pelo Mauro, Arueira, Adriano, Carlinhos, a equipe toda. E a parceria com a Casa Civil, tem sido essencial para a gente. Eu acho que, assim, a gente falou de Smart City, de tecnologia, a gente falou de Territórios Sociais, vulnerabilidade social, a gente vai falar de mudança climática. Isso é um testemunho da transversalidade do trabalho do IPP. Acho que isso é interessante destacar aqui. (inaudível)

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: O pano de fundo por de trás da estratégia que vai envolver as mudanças climáticas vai sofrer uma alteração dramática a partir do ano que vem. Basicamente porque o Acordo de Paris começa, entre aspas, sua linha de inovação a partir de 2020. Isso significa que acabou a conversa (inaudível). Agora começa a checagem. E a checagem é avassaladora. Nós iremos ultrapassar os dois graus celsius de aquecimento, isso significa que nós vamos sofrer muito mais. O que está acontecendo, e daí a importância de começar a promover essa história (inaudível) é que como era previsível, as projeções científicas eram conservadoras. Porque toda ciência tem que ser conservadora. Ela só fala a partir de evidências (robustas). E não é difícil imaginar que uma quantidade de energia a mais no planeta provoca disjunção num monte de coisa. Nos últimos 10 anos, (os impactos) foram muito contundentes, quase todas as projeções estão ocorrendo num prazo (inferior ao inicialmente projetado). Então o pano de fundo por trás do IPP, do trabalho do IPP, seja em (inaudível) é a primeira cidade, talvez (inaudível), não só da América latina, não sei nem se ela é... Mas também pelo fato de adaptação social nesse ambiente (inaudível). Só para registrar que essa conversa vai acabar, a tensão vai ser extremamente presente no cotidiano. Para ilustrar, o Parlamento Britânico... aqui não tem ideologia por de trás não. A esquerda ou a direita. O Brasil é um país especialmente (inaudível) A gente teve um ministro da secretaria

geral do PCdo B que dizia que não tinha aquecimento global, que era uma conspiração globalística, capitalista para evitar que os pobres melhorem suas vidas. E agora a gente tem um ministro que diz que não tem aquecimento global, que é uma conspiração globalística, em favor do governo. A única resposta que a gente tira desse tipo de coisa é que (inaudível). O parlamento britânico declarou emergência em 9 mil cidades (inaudível). Veículos de imprensa não utilizarão mais a expressão mudança climática. A expressão agora é emergência climática ou crise climática. E reverberou essa posição do secretário geral (inaudível) tudo isso aconteceu em (inaudível) É só o iniciozinho de algo (inaudível) porque chegou o tempo. Quanto tempo estamos aqui? No balanço efetivo nada foi feito. Estamos caminhando para os piores cenários. A simples mudança, o impacto na economia, na cidade ou na produtividade de (inaudível) A simples mudança, que nos atrasou tanto, de caminhar para os piores cenários, para caminhar para um outro cenário, mesmo que não seja o cenário muito bom (inaudível) os preços (inaudível). Então só para enfatizar: parabéns para o IPP, que continue nessa estrada. É inimaginável que uma única cidade no Brasil não tenha um plano de (inaudível). Eu posso fazer teste laboratorial. Não existe uma cidade que tenha no coração do seu Plano Estratégico, um documento a parte (que trate desse assunto). Então o IPP está na vanguarda, e de novo, o papel dele como disseminador dentro do Brasil vai ser muito relevante.

- A Prefeitura está fazendo um plano de desenvolvimento sustentável que junto tem um plano de ação climática cujo principal objetivo é atender o Acordo de Paris. É até bastante otimista que a gente fique somente com um grau e meio de aquecimento, o que seria um limite seguro. Então hoje e ontem a gente está lá desenhando metas (estava tendo um workshop do PDS na época). Ontem (foram discutidas) metas a partir das ações que já existe, hoje metas mais ambiciosas. E também desenhando cenários com apoio da C40.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: E a gente quer desenhar esse plano de maneira que: “Qual é o nosso objetivo fundamental?” É que esse Plano tem que ser da cidade, não pode ser do governo. É fundamental que todas as instituições participem, sejam elas: Academias, pessoas da sociedade civil ou o próprio cidadão. A gente está fazendo um trabalho ---- junto com as escolas, a gente está mobilizando as 1.500 escolas, 600.030 crianças para entender o que é isso, claro que de forma lúdica, trazendo esse tema para o dia a dia dessas crianças. Mas efetivamente no ano que a gente está a solicitação é que se tenham metas, objetivos e indicadores muito bem desenhados para que o Plano de Desenvolvimento Sustentável não fique como se fosse um grande sonho.

- O gancho aqui então é o trabalho de desenvolvimento do Plano de Desenvolvimento Sustentável e parte disso tem sido decidir uma governança, na verdade formalizar a governança que já existia na prática para mudança de clima no município.

- O que a gente vê como marco nessa parceria foi um decreto do mês passado que instituiu o Programa chamado “Cidade pelo Clima” sob a tutela da Casa Civil, onde tem lá sob a nossa responsabilidade, uma das interfaces deles, na qual criamos a logomarca, que é o “Sistema de Monitoramento das Mudanças Climáticas”. Ele já nasce com muita coisa pronta. O IPP tem uma massa crítica e muita coisa feita nessa linha. Mas a primeira entrega nova que tem como parte disso aqui é o monitoramento das emissões. E obviamente estamos falando do sistema de informações e ele nasce (a gente fez questão de que o decreto deixasse isso claro), integrado ao que já existe de governança geral de dados da cidade, de informação, que é o SIURB e a nossa porta para fora, que é o Data.Rio

- A cidade do Rio de Janeiro como o Besserman falou é pioneira, tem sido pioneira, tem tentado manter esse papel de vanguarda da América Latina, não só, mas também do mundo inteiro.

- Desde 2000 que a gente já tem os inventários de emissões de gases do efeito estufa feitos pela cidade. Até então todos contratados junto a COPPE, no laboratório Centro Clima. O Prof. Emílio La Rovere tem referência de sobra para fazer esse trabalho com a equipe dele.

- Em 2000 o primeiro foi feito para os anos de 90, 96 e 98... Em 2011 sai o inventário com o ano base de 2005. Em 2013 sai o inventário com o ano referência de 2012

- A metodologia básica que vai calcular a emissão de gases de efeito estufa é a metodologia do IPCC que é o quadro de cientistas da ONU para lidar com mudanças climáticas. Então ela pensa Estado/Nação, em países. Tem uma série de desafios que você vai para cidade por questões de poder, de fronteiras que eu posso comentar ao longo do caminho da apresentação.

- Aqui (no gráfico) em 2000 e aqui em 2011, a gente teve que fazer adaptações por conta própria para fazer essa descida na escala nessa etapa frente ao IPCC. Isso era uma dificuldade, a gente não conseguia comparar a nossa emissão com os de outra cidade.

- Já aqui (no gráfico), a cidade do Rio foi piloto de uma metodologia, que é a que a gente está usando agora, que é a GTC. Mas ainda, enquanto piloto, a gente precisou fazer alguns ajustes.

- Alguns desses estudos vinham de planos de ação para Prefeitura que estimavam os cenários de emissões da cidade a partir do que a gente tinha planejado o Plano estratégico

- Então aqui a gente vai apresentar esses resultados para esses anos de 2013 e 2017. O de 2012 também está incluído.

- A grande novidade é que a Prefeitura está internalizando, na verdade, já internalizou essa capacidade, então a gente não precisa mais contratar a COPPE/UFRJ para isso e a partir disso estamos criando um sistema de monitoramento de base. Não estamos fazendo só para um ano e isso traz vários benefícios que a gente vai também conseguir entender melhor. Sem contar que no atual cenário econômico é bom parar de depender de contratar consultoria externa.

- Então, frente a várias coisas, umas das vantagens também, uma das coisas que a gente consegue entregar com esse trabalho, é responder a esses compromissos que a cidade têm. Primeiro é uma lei municipal, essa lei é de 2011 e estabelece uma política municipal de mudanças climáticas e desenvolvimento sustentável. Ela exige que a Prefeitura faça esse tipo de estudo, de inventário de emissão a cada quatro anos a partir de 2012. Então, a partir de 2017 a gente está inadimplente com essa lei porque o nosso último era para 2012.

- A Rede C40 de cidades estabelece que as cidades membros têm que ter inventário de emissões no mínimo a cada cinco anos. Então, a partir de 2018 a gente estava inadimplente com a C40. E esse pacto com o prefeito feito pelo Eduardo e ratificado pelo Crivella exige que a cidade esteja com esses dados atualizados a cada dois anos. Então a gente estava ainda mais inadimplente com esse dado. A partir de agora a gente resolve essa situação e estabelece uma rotina anual para que isso nunca mais seja uma questão e para que de fato a gente possa conhecer as emissões da cidade. E depois de conhecer, saber como gerenciá-las e reduzi-las.

- Aqui a gente está apresentando também uma revisão do inventário de 2012. Para poder comparar essa série nova 2013 a 2017 com o ano que até então a gente tinha, a gente tinha os dados organizados e possíveis de fazer o recálculo. Então a gente refez a as contas para 2012, o problema foi às mudanças na metodologia e a boa prática para inventar sempre que possível e necessário revisá-los para torná-los mais próximos da realidade, o que é uma estimativa, e compará-los ao longo do tempo.

- Então a gente teve esse inventário aqui dentro, na Coordenadoria de Informações da Cidade, na gerência uma comissão enorme, estudos ambientais de mudança climática. Eu, Patrícia Turano e Monica, fizemos uma equipe de compilação atuando diretamente nisso. Uma das oportunidades que isso nos proporcionou foi participar do treinamento e certificação desses programas criado pelo Banco Mundial. Esse Programa nos certificou como especialistas em gases estufas em cidades. Isso foi bastante importante para gente conseguir verificar uma cidade e o apoio do Mauro, do Arueira de reforça a equipe com uma professora da rede municipal que, tenho certeza que está fazendo falta em sala de aula, mas está aqui sendo uma pessoa decisiva para gente para ter sucesso nessa empreitada, que é a Patrícia.

- Vou falar um pouquinho da metodologia para a gente entender melhor os resultados. Essa metodologia, GPC, foi desenvolvida por redes internacionais, C40, WRI e ICLEI. Foi financiada pelo Banco Mundial e outros parceiros. A ideia dela é pegar o que já existe do IPCC. Ela não

atualiza as equações do IPCC. Ela define diretrizes para a gente lidar principalmente com a questão das fronteiras que aparecem como problemas quando a gente desce da escala nacional para a escala local. E ela é para qualquer escala sub nacional. Então estados podem usar, regiões metropolitanas podem usar. Ela é adotada por todas as principais cidades, redes de cidades, plataformas de reporte do mundo inteiro.

- E o que ela traz de novidade? Algo para a gente lidar com a fronteira dos municípios: a introdução dos escopos, para separar as emissões. Aqui nesse gráfico temos representados diferentes setores de emissão para onde são feitas as estimativas, são cinco: energia estacionária ; transporte; resíduos sólidos e efluentes; agropecuária, floresta e uso do solo, chamado de AFOLU; e , o último, processo industriais e uso de produtos, o IPPU.

- Esses cinco setores definem como a gente categoriza as emissões. E aí tem vários subsetores que se pode agregar. Para manter o padrão que a gente vinha tendo da COPPE e para avançar ainda mais, que a gente conseguiu fazer isso , calculou esses cinco setores . As cidades podem fazer o básico ou o básico +. Aqui no município a gente faz o básico +. Em Nova York não faz o básico + , faz o básico. Tem cidades que são super líderes em mudanças climáticas , mas mesmo assim não estão fazendo inventários tão completos.

Aparte do conselheiro Mauro Osório: Não sei se você já falou isso, mas quantas cidades hoje fazem?

- Pelo GPC? O C40, por exemplo, tem projeto tem 94 cidades em diversas fases, mas é bem mais. Mas a maioria é do norte global.

- São Paulo, por exemplo, vou comparar o Rio com outras cidades. A gente não consegue comparar o Rio com São Paulo. O último dado disponível de SP é de 2009 e não segue essa metodologia, então a gente não compara. Eles estão para lançar um novo, com um esforço parecido com o nosso.

- Então temos esses cinco setores e vários subsetores dentro deles e eles se dividem, mas a gente pode calcular as emissões de cada um deles dividido por três escopos. O primeiro escopo, a linha verde, representa a fronteira da cidade. Então qualquer emissão que ocorra de dentro da fronteira é escopo 1 . Qualquer emissão que ocorre fora da fronteira é escopo 3 . Porém é de nossa responsabilidade direta. O melhor exemplo que eu sempre dou é o nosso lixo que vai para Seropédica agora, é o escopo 3 . Então transporte que a cidade usa, mas que acontece fora da cidade também pode ser escopo 3. E ainda tem o escopo 2 para complicar um pouquinho, que é a energia elétrica fornecida por um GRID, por uma rede nacional de abastecimento.

- E tem também o escopo dois que é energia. Pode ser energia térmica, mas para o nosso caso isso não é relevante; energia elétrica fornecida por um Grid, por uma rede. Não sabemos se essa lâmpada está sendo acesa por uma energia que vem de Itaipu, de Sobradinho, da terra... Essa energia que não sabemos de onde vem, é considerada no escopo dois. Separamos em três escopos, cinco setores e em outras coisas a mais.

- Vamos falar de resultados. Eu começo sempre com esse monte de números que assustam um pouco, mas já trazem algumas informações interessantes. Primeiro, veremos que, em geral, a energia estacionária é o setor com maiores emissões de gases, porém há alguns anos ele não é. O Transporte passou recentemente. Resíduos é bastante relevante, IPPU, que é aquele processos industriais dos produtos, também é relevante. Aqui estamos falando de processos industriais que usam combustíveis fósseis, materiais que têm carbono. Mas não é a queima deles para gerar energia, é o uso deles em algum processo industrial. E a siderurgia, antiga CSA, é o principal ponto de emissão.

- A AFOLU (Agropecuária, Florestas e usos do solo em inglês) é muito pequena. A parte agropecuária, floresta e luz do sol é muito pequena, mas teve muitos resultados simbólicos. Em dois anos chegamos a ter um valor de emissões negativo, isso é retrato da importância do reflorestamento e da arborização urbana feita na cidade. Compensou completamente as emissões nesses dois anos de desmatamento, e diante da agropecuária.

- As emissões estão em queda a partir de 2015 por N fatores. Acho que não tem o que comemorar, mas é um resultado interessante. Um dos motivos pelo qual queríamos fazer a série histórica. Pela lei municipal de mudanças climáticas éramos obrigados a fazer 2016. Então faríamos 2016. Tínhamos a certeza absoluta que seria o ano de maior emissão, mas teríamos que ver o restante. Descobrimos que 2016 não é o maior ano de emissão. Isso acabou quebrando paradigmas.

- Em 2014, tivemos um ano de seca. É o ano em que a energia elétrica consumida aqui dentro tem composição muito mais térmica do que elétrica. Então, a pegada de carbono da energia elétrica de 2014 é mais de duas vezes a de 2012, por exemplo. Foi um ano de muitas atividades na cidade, ano de Copa do Mundo. Isso foi o principal fator.

- A aviação que está no transporte calculamos pelo combustível abastecido aqui dentro, não o avião que o turista chegou. Então é o voo que a pessoa sai. Têm vários desafios.

- Aqui é a visão dos escopos, pela ótica geográfica. É legal ver, é claro, mas estava mesmo explicando a questão da energia elétrica fornecida pelo Grid, mas surge em 2014. Ela é escopo dois e estacionária, você vê claramente flutuando por aí com assento em 2104.

- Vemos lá no total que a maioria das emissões estão no escopo um. O que acontece na fronteira do município. Mas o escopo três é bastante relevante principalmente pelo resíduo sólido do aterramento de lixo e transporte aéreo. Isso aqui é muito interessante. Metrô e trem transportam 1 milhão de pessoas por dia. Vejam a emissão de energia do trem.

- A energia estacionária, aí entra um caso interessante. São subsetores. Não entra mais lógica de escopos. Comercial, institucional, residencial é esse aqui. Indústria de manufatura e construção: pode considerar que boa parte daqui é siderurgia, especificamente lá em Santa Cruz. Eles produzem a própria energia. Isso aqui, por exemplo, é escopo um. A energia é produzida lá dentro, em um processo altamente complexo, de cogeração de energia térmica e energia elétrica. Então é um setor bastante importante. De qualquer forma esses setores aqui, que são ligados a energia do Grid, eles flutuam bastante, e fazem esse setor flutuar juntamente com o mesmo (Grid).

- Nós estamos vendo aqui alguns setores de menor relevância, esse é interessante ver. Perdas comerciais de energia elétrica. É o "gato", porém nós não sabemos quantos são para comercial, residencial ou até para uma pequena indústria. Estamos com esse setor aqui separado.

- Transportes: é interessante observar que (esse setor) está caindo. As pessoas geralmente me perguntam sobre o impacto do Uber, mas ainda não temos dados que me permitam avaliar isso. Esse é o setor onde tem mais "Tier 1" espaço para apresentar melhorias no inventário. Usamos metodologia de "que é mais simples". Ela é (medida) a partir da venda de combustíveis dentro do município. É como calculamos o transporte rodoviário que é maior. Exemplo, se o cara usa Uber aqui na cidade, mas mora em Mesquita e abastece lá, eu não conto essa pessoa. Mas, se o rapaz mora aqui, abastece na cidade, e roda fora. Ele participa da contagem. É uma via de mão dupla. Precisamos de uma modelagem para melhorar essa conta.

- Resíduos: Aqui nós vemos o que eu já tinha comentado, a ferramenta de resíduos sólidos do setor que está caindo. Interessante que o setor como um todo está declinando.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Por que ainda existe? O município de Seropédica captura tudo?

- Ainda não é possível capturar tudo. Eles estão melhorando agora o percentual de captura. E também tem muita emissão do Aterro de Ramalho.

- Quando se fala de aterramento de resíduos sólidos, o resíduo que aterramos hoje tem potencial de continuar produzindo metano por 50 anos. O processo de composição dele lá no aterro é longo. Nós calculamos dessa forma, então aqui estamos vendo emissão (os cálculos) do aterro de Santa Cruz e Jacarepaguá que estão fechado há décadas. Isso foi um avanço, apesar de ainda ser pouco.

- Vou falar também do IPPU, vendo (essa cor) laranja aqui (no gráfico) é produção de ferro e aço. Siderurgia tem Gerdau e tem a Ternium na cidade pelo processo que ela faz que é o círculo completo. Ou seja, é fazer o ferro, o aço. A Gerdau não faz todos os processos.

- Aqui só para vocês saberem, nós temos os outros setores mais residuais. O uso de óxido nítrico é usado em hospitais e na indústria. O uso de lubrificantes e parafina para produção de vidro. Temos a fábrica da Ambev que produz muitas garrafas. O gráfico da direita é só para chamar atenção, o eixo aqui está falando de milhões, aqui estamos falando de 20 mil, 40 mil, centena de milhares. É um setor um pouco relevante em termos absolutos, mas tem esse aqui do eixo 0 e sequestro de emissões que é menor a arborização urbana e maior o reflorestamento.

- Aqui também é um outro subsetor, onde a parte de resíduos não entra só o ano. Não é só o Imposto de Renda de 1º de janeiro e até 31 de dezembro. Aqui entra o plantio dos últimos 20 anos, porque o que é plantado há 20 anos tem um potencial muito grande de sequestrar carbono por esse período. Então, é um setor não muito relevante. Aqui estamos vendo um setor um pouquinho maior, de mudanças de usos do solo, ou seja, o que estamos perdendo de cobertura vegetal. Se você pegar só a mudança de usos do solo, nesse caso aqui, considerando o desmatamento e fazer a conta com o reflorestamento, com arborização, sempre compensa. Sempre dá um resultado negativo. Em alguns anos dá um positivo residual, porque tem essas emissões aqui de agropecuária, de aplicação de ureia entre outras.

- O único que tem uma compensação é esse setor aqui. Apesar de ser pouco relevante em termos absolutos, para o Brasil ele é importantíssimo.

- Isso aqui é um print screen, está em inglês, da ferramenta que usamos para colar e cortar o inventário. Aqui estão todos os subsetores por cor. Queremos para 2017: o transporte rodoviário é o subsetor mais importante, ele ganha do setor indústria lá em energia estacionária, mas a Ternium sozinha já ganha disso.

- Começando a fazer algumas interpretações, o que eu estou chamando de palavrão FEDSIN (Fator de Emissão de Sustentabilidade Interligado Nacional). Isso é a sujeira, a pegada de carbono, da nossa energia elétrica. Então você vê que a linha azul são as emissões e a linha laranja é o fator de emissão. Eles são de eixos diferentes, mas percebe que eles têm uma flutuação semelhante, ou seja, o fator de emissão do FEDSIN está ajudando a controlar as emissões do município. Aqui o pessoal da ciência política fala como pesquisa eleitoral e abre "a boca do Jacaré". Eu atribuo muito isso a 2017 com a queda da atividade econômica e mesmo com a volta de sujeira lá na nossa energia as emissões continuam a cair.

- O que a temos aqui também de emissão reduzida que tem aí um saldo começando a ficar produtivo. Aqui é um único gráfico que a unidade está direto em metano. Deixa explicar esse gráfico, a linha azul é o gás liberado. O nosso lixo nos aterros de Gramacho, Gericinó e Seropédica, que onde tem captura de Biogás, está gerando essa quantidade de metano, mais de 120 mil toneladas por ano em uma trajetória ascendente. A outra trajetória ascendente que nós temos é a captura. Seropédica começa a ter lixo em 2011 (se não me engano) e a eficiência da captura é muito maior, porque foi um aterro construído com essa infraestrutura.

- Em Gramacho essa estrutura foi colocada depois, por isso a eficiência é muito menor. Então, temos a captura subindo. Isso gera uma trajetória de emissão - na linha cinza descendente-. Então as emissões de resíduos (que lá trás eu mostrei que estão caindo no município) só cai porque a Comlurb faz a captura de biogás. E a partir desse ano/ ano que vem a Ternium vai começar a usar o biogás de Seropédica na sua planta.

- Para reforçar um pouco do argumento da crise econômica e da influência dela nas nossas emissões: notícia do O Globo, deste ano, 10 de março de 2019 diz que "O Rio perde 25% dos voos domésticos e internacionais em 6 anos". Então, aqui nós temos um dado da matéria que entre 2012 e 2018 o número de emissão foi 25 % e entre 2012 e 2017 vimos uma queda de emissões do setor de transporte aéreo em 17 %. Aqui a única interpretação que podemos fazer por enquanto é que estão vendendo menos combustível na cidade (álcool e gasolina), ou seja, as pessoas, também, estão andando menos de carro.

- Em termos de emissão conseguimos separar o que é diesel e gasolina. A última, muito provavelmente, tem uma emissão muito maior por conta do transporte.

Aparte do conselheiro Sérgio Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Vai dar tudo certo porque tudo que está sendo leiloado é a parte boa. Parte que já se descobriu que é perto de dois rios... (inaudível), então deve dar dinheiro.

Aparte do conselheiro Aparte do conselheiro Mauro Osorio: E o Shell Gas nos Estados Unidos continua circulando?

Aparte do conselheiro Sérgio Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: O Shell Gas é o caminho que os Estados Unidos têm para cumprir sua meta de emissões. Substituiu o carvão. É basicamente gás de folhelho. É forte, mas em comparação com o carvão é muito menos.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mas é mais poluente que o nosso?

Aparte do conselheiro Sérgio Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Muito mais, o Brasil é o país do mundo que ficou para trás. O Brasil é o país do mundo que tem a maior facilidade para (inaudível) a matriz energética no planeta. Melhor custo benefício para ter uma matriz energética 100%, mas já estamos para trás da Alemanha, Reino Unido, Portugal e vários outros. Mas é só começar a correr que a gente se recupera. O gás de folhelho é uma coisa que vai ter muito no Brasil, também. Explode a terra com água quente em altíssima pressão e determinada enzimas e se captura o betano quase do mesmo jeito que é feito em um aterro sanitário. A diferença é que se coloca uma planta dessas para funcionar em seis meses.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mas polui mais que...

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Muito mais que... (inaudível)

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: E também da extração de petróleo nossa aqui.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Polui mais, mas esquenta menos o planeta. Polui os lençóis freáticos e gera até microterremotos. Desestabiliza a região. Sobre os Estados Unidos, é o caminho deles para cumprir o Acordo de Paris, que o Trump abandonou. Mas é como o Obama que só assina coisas tecnicamente corretas, ele assinou com base em um trabalho totalmente análogo (inaudível) por causa da diferença se cancela o carvão e o substitui por gás natural, além de quase não perder... Só que muda os estados, é um problema geopolítico. Com essa diferença de emissões consegue cumprir a primeira e a segunda rodada da (inaudível) deles. O Trump ganhou a eleição com três milhões de votos a menos que a Hillary. Lá quando se ganha de 51% a 49% em determinados estados, você leva 100% dos delegados. Ele ganhou em todos os estados do carvão e na Flórida. No carvão ele vai ganhar sempre, porque justamente uma vitória democrata significa que acabou o carvão. Por enquanto, usamos o gás natural e muito provavelmente o gás natural é só o phasing out e em seguida vem o nuclear. Só com esse gás de folhelho eles têm reserva energética para 450 anos.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: A China ainda usa o quê? Carvão?

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: A China é mais do que isso, ainda é muito carvão. Porque que eles correm atrás? Por causa do que acabamos de assistir no acordo Brasil e Mercosul. Eles sabem perfeitamente que a solução disso na frente vai ser quando os Estados Unidos ou a União Europeia vai chegar neles e disser que não dá mais. "Mas a gente só tem carvão" vão dizer os chineses, mas vão argumentar "tudo bem, mas eu estou fazendo um esforço, então vou taxar vocês no mesmo esforço".

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mas para eles substituírem o carvão, podem ser um cliente de petróleo.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: O petróleo pode ajudar um pouco. Mas os chineses pensam em um tempo diferente. Embora tenha essa coisa de menos carvão e mais petróleo, comprar gás natural da rua, para ajudar no phasing out, ele já são os cartões tecnológicos do cenário eólico. O maior contrato privado do mundo de solar é da Walmart, todos os painéis são chineses, menos (se eu não me engano) os americanos. Sobre nuclear é uma aposta nesses

novos reatores, que praticamente (inaudível) e a quantidade de lixo radioativo é muito menor e com condições de ser reprocessado no futuro, mas não se sabe como ainda. Quem aposta nisso são os russos e o Bill Gates. Esse reator parece que dá certo e vai ser feito na (inaudível) radioativo, mas não emite nada, vai fazer parte da produção.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: No momento, o consumo de combustíveis fósseis continua crescendo no mundo, não é?

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: A situação é tão dramática quanto o seguinte: em Paris, em 2015, ficou resolvido que em 2020 teria que ter sido processados 100 bilhões de dólares (sem saber de onde viria, quem iria administrar e como seria feita a distribuição) para ajudar os países pobres a se adaptarem porque o desastre social é gigante, na casa de centenas de milhões; e para tentar fazer o que fazemos aqui no Rio de Janeiro, que é mitigar as emissões. Vamos chegar em 2020 e não foi arrecadado nenhum dólar. Em contrapartida, todos aqui nessa sala e os habitantes do planeta, damos nosso dinheiro para subsidiar os cofres em 500 bilhões de dólares anuais. Os 100 bilhões que (inaudível) nem apareceram, quem manda no mundo é quem manda no mundo. Os 500 bilhões que subsidiamos para esquentar o planeta é em todo ano. Essa é a briga, vai ser resolvido rápido, mas de agora em diante acabou essa conversa. Agora é fazer contas, são triviais. E vai acontecer muita coisa, é um cenário estratégico diferente, em que o IPP certamente terá uma taxa de retorno bastante grande por ter mantido esse trabalho consistente. E a Secretaria, na área de adaptação.

- Para finalizar, então. Aqui vemos o tamanho do problema, como eu falei esses valores anteriores não são plenamente comparáveis, os inventários da década de 1990 e 2005. Mas para fazer uns gráficos e ver a ordem de grandeza, podemos comparar, sim. Deu um pulo ali da década de 2005 para 2012, onde começa nossa série de agora. E isso aqui é a Ternium, que abre em 2010 se eu não me engano. Então, o pulo não é só a siderúrgica nova na cidade, o pulo é o aumento da atividade econômica, aumento no uso de combustíveis fósseis e por aí vai.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Aquilo que você falou antes pode ter um peso nesse pulo. Como foi um ano muito quente, o ar condicionado influencia.

- Aqui, nos comparamos com outras cidades do mundo que fazem inventários já nessa metodologia de UTC. Peguei algumas, tentei ser representativo globalmente. Nem todas fazem o inventário básico mais, só algumas. Então essas emissões poderiam ser maiores. Em emissões per capita, que permite a nós compararmos as emissões por habitante, vemos o Rio com 3.2.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: É por isso que a CSA, (inaudível) se tirasse a Ternium caíamos para dois e alguma coisa, seríamos campeões.

- Cairíamos para 2.4. Ficaríamos perto de Curitiba. Estamos melhor que Buenos Aires e Cidade do México, que não tem tanta hidrelétrica como tem no Brasil. Estamos muito abaixo de Nova Iorque e de Tel Aviv. E muito acima de Lagos, na Nigéria, comparando com quem está atrás de nós na trajetória de desenvolvimento.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Existe um ranking para todas as cidades que fazem isso?

- Não. Eu tive que calcular isso a partir de um relatório CDP que estamos preenchendo.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: No C40 eles têm um ranking próprio deles.

- Sim. Mas eu selecionei algumas outras cidades que não fazem parte do C40.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Tel Aviv é capaz de ser água, dessalinização.

- Provavelmente energia, também. Dessalinização com certeza consome muita energia. Aqui, é interessante uma coisa para jogar para o alto: a vanguarda da vanguarda no cálculo de emissões é mudar a lógica territorial e de responsabilidade direta, o escopo e a fronteira, para a lógica do consumo. Na lógica do consumo, o aço produzido aqui, a emissão não é nossa. É lá da China, onde estão comprando esse aço. Ao mesmo tempo, o que compramos e não é

produzido aqui, a emissão é nossa. Isso não tem metodologia para fazer, o C40 está estudando isso. E convidaram a gente, o IPP, o Rio de Janeiro, para representar a América Latina em uma iniciativa deles que está tentando estudar esse tipo de metodologia. É o reconhecimento desse trabalho que estamos fazendo. Eles fizeram um estudo piloto e a quantidade de emissões triplica em Nova Iorque se passar a ser considerada a ótica do consumo e não a da fronteira. Eu não preciso explicar para vocês o padrão de consumo do americano. Se você olhar Houston, no Texas, vai ver que é pior ainda que Nova Iorque, que ainda é uma cidade um pouco mais verde.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Se desconsiderar a Ternium fica em quanto?

- Fica em cerca de 2.4. Ela representa 29% das emissões do município em 2017.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Mas nesse ranking não muda muito, não é?

- Está mais organizado por região, país, continente...

Pessoa não identificada: Em termos de Brasil, comparando o Rio com Curitiba, que eu considero uma cidade bem avançada, utilizando a mesma metodologia, elas ficam parecidas.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Concordo, mas o fato é que a cidade do Rio de Janeiro está entre as que menos poluem.

- Tem toda uma discussão do cenário global de mudanças climáticas, sobre os países do hemisfério norte perante os do sul, que não poluíram tanto quanto eles e não tiveram as mesmas oportunidades de desenvolvimento. Tem essa discussão no âmbito da ONU, IPCC e Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima. O C40 está imbuído disso. Então, esse projeto que o Rio está participando, está tendo workshop (inaudível) emissões, as metas que propõem para as cidades do sul global são menos difíceis e ousadas que as que propõem para as cidades do norte global. Isso está nas discussões, no âmbito da ONU, no âmbito das cidades e no âmbito do C40.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: A cidade de Copenhague já é carbono zero. Chegamos a fazer coisas de luxo meio idiotas. O duto deixou de ser terra batida (inaudível) passou a ser umas bolinhas de um minério que fica bem levinho. Não é isopor porque é duro, de..., porque o minério absorve o CO2.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Qual a renda per capita de Copenhague?

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Mais ou menos a da Gávea e Leblon, a taxa de homicídios (inaudível). O objetivo não é a quantidade de CO2 que vai ser obtida, o objetivo é a criança ir à praça e ler que aquilo está absorvendo o CO2.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Sobre aquela tabela, eu acho que seria interessante ter um valor absoluto. Inclusive, com relação ao mundial das cidades. Pode ser que seja pouquíssimo, mas como isso é um problema mundial... Já Nova Iorque é grande e o per capita é grande.

- Para fazer uma comparação, per capita ainda é um indicador melhor.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Já que é um esforço mundial é preciso ter uma ideia do absoluto.

- A fonte de dados, a maioria é externa. Há algumas da Prefeitura. Agradecimentos e créditos estão aí.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Eu não sou tão pessimista quanto o Aparte do conselheiro Sérgio Besserman em relação ao (inaudível).

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Só para brincar com vocês, eu não posso fazer esse argumento em grupo porque sou a favor da reforma da previdência. Não necessariamente essa, mas alguma tem que haver porque a dívida pública está explodindo. A brincadeira é o

seguinte: Um argumento contra a reforma da previdência que eu não quero que seja usado, mas é tão especulativo que ninguém usaria. Mas é especulativo porque é novidade e fora da caixa. É impossível que o Brasil até o final desse século deixe de receber (inaudível) 30, 40, 60 milhões de imigrantes. O cálculo mais conservador (inaudível) diz que em 2100, mas já começando em 2050, em 350 milhões no mundo todo. Toda a crise de imigrantes no mundo hoje é de 5 milhões. Sendo extremamente conservador, serão 350 milhões. Um país onde cabem 17 França, (inaudível) e tem 200 milhões de habitantes, não vai receber 30, 40, 50 milhões desses caras? É óbvio que vai.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: E a economia pode crescer junto.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Claro, porque é só a gente ser inteligente e chamar os (inaudível). Mas quase sempre eles são jovens, então a razão de dependência de qualquer maneira. A tragédia do Brasil é maior porque aumenta a relevância desse trabalho e outros conduzidos, porque o Brasil é o único país do mundo que em uma economia de baixo carbono ganha competitividade quase que certamente. Biomassa, infraestrutura a baixo carbono, alimento para o mundo inteiro a baixo carbono...

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Em um cenário desse, as hidrelétricas valem à pena, continuam valendo.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Eu mantenho a minha posição dos últimos 15 anos, não sou xiita. Se você quer fazer uma hidrelétrica mesmo que não seja fio d'água em um local que não é *hotspot* de biodiversidade e não vai matar indígenas e ribeirinhos, tenho nada contra. Até porque a extinção das espécies em corpos de água é muito mais grave do que em terra. A Amazônia não é homogênea, então se for fazer uma hidrelétrica em um território cuja biodiversidade é similar a de muitos e muitos outros, provavelmente é uma conta que vai favorecer fazer. Mas fazer hidrelétrica em um lugar de biodiversidade específica, aí não faz sentido.

O problema é que, na minha opinião, o Brasil foi muito fraco com os parceiros. Desculpa, eu sou um pacifista, luto pelos dois estados em Israel... Mas o Brasil foi muito fraco, onde tem lugar para fazer represa séria é na Amazônia Andina. No nosso território já não tem mais nada grande para fazer, mas na Amazônia Andina tem. Tem o problema da biodiversidade porque cada vale ali é de um jeito, então não é à galega. Mas a experiência brasileira com Itaipu binacional, com a refinaria na Bolívia... A gente foi muito fraco e ninguém respeita mais contrato com brasileiro, não. O jogo é duro, se faz um contrato e o sujeito não respeita, ripa ele. Mas se faz contrato, o sujeito não respeita, e você fala pra renegociar, rever como que faz... Aí o Morales vem e invade uma refinaria brasileira, e a gente fica pensando "tudo bem, vamos ver o que fazemos". Aí para apostar um monte de dinheiro numa refinaria binacional ou trinacional na Amazônia Andina e não ter mais o respeito dos parceiros da América Latina... Não sei se vale à pena.

Pessoa não identificada: A gente comprou aquela usina em Pasadena por 1,7 bilhão e valia 350 milhões.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: E os contratos com a Venezuela, o próprio acordo do Porto de Mariel com Cuba. Sempre lembrando que o meu BNDES pode ser tudo menos (inaudível) se tem que fazer Porto de Mariel ou não sei o quê na Venezuela, o Governo quer fazer, então vai lá e faz. A exigência que a gente pede é a melhor que existe no mundo, o Tesouro Nacional que nos paga, o BNDES não perde um centavo. Se o Governo quer fazer, faz.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Vou aproveitar essa oportunidade porque é meu ativismo. Desde o ano 2000, o Fórum Mundial de Davos considera mudança climática um dos assuntos mais importantes do mundo. Aí de vez em quando tem o Estado Islâmico, aí mudança climática vai para segundo. Não são acadêmicos, não são cientistas, são os que mandam no mundo. Há mais de 15 anos, você pergunta a CIA qual é a principal ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos, a resposta não é o Afeganistão, o Estado Islâmico ou os Talibãs; e sim as mudanças climáticas.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Eu sei, mas o cidadão americano não quer diminuir sua capacidade de consumo.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: As pesquisas de hoje em dia mostram que o... Mudou de 25% pra 75% (inaudível) varia muito de estado para estado. Tem alguns estados como Massachusetts, Vermonte, Nova Iorque, em que há um nível de consciência, mas tem outros estados...

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: A questão que você colocou aqui é que nos Estados Unidos, o consumo per capita tem que cair muito.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Sim, muito. Mas por que em Nova Iorque se o sujeito não for a favor de lutar contra as mudanças climáticas ele está fora do jogo e não tem chance de ser prefeito? Seja ele republicano democrata... Ninguém pode dizer que foi o aquecimento global porque nunca devemos falar isso sobre um evento singular, nunca, porque o clima é complexo e você pode se desmoralizar. Mas todos nós sabemos que foi o aquecimento global porque não há furacão em Nova Iorque. Tinha na Carolina do Sul e às vezes na Carolina do Norte. Os caras perderam em uma noite, com o furacão Sandy, mais dinheiro do que tudo que o Rio de Janeiro investiu em modernidade nos últimos 15 anos. Todos os BRTs, a expansão do metrô, os BRSs e tudo que foi feito. O que aconteceu? O metrô de Nova Iorque perdeu todos os equipamentos e ele é impermeável, ele passa debaixo do Rio Hudson, mas entupiu tudo de água e tudo que era eletrônico se perdeu, cinco bilhões de dólares. Planejamento de adaptação a mudanças climáticas, cinco degraus de escada e uma rampa para cadeirante em cada estação do metrô, façam a conta. Sem contar os dias que a cidade de Nova Iorque ficou parada. O estado de Nova Iorque: os ricos fizeram igual aqui no século XIX em Angra dos Reis, (inaudível) e Búzios, que eram as suas casas direto na praia tomando conta dela. O estado de Nova Iorque gastou um 1.2 bilhões de dólares por conta da erosão natural (sem ser por conta do aquecimento global, nem tudo é culpa dele) na praia, que era sempre comida, então o Governo do Estado, colocava sempre areia, fazia (inaudível) Há quatro anos o estado de Nova Iorque virou (inaudível), todos os moradores da costa norte, os ricos com suas mansões, tinham problemas de erosão. Mas agora o mar já subiu 20 centímetros e vai subir muito mais. "Nós vamos ter que lidar com essa situação, mas temos outras coisas para fazer do que resolver o problema da praia de vocês. É com vocês" É esse tipo de decisão que vamos ter que tomar. E aqui no Rio de Janeiro envolve ocupação do uso de solo, com a decisão urbanística mais relevante de todas porque admitir que a área menos preparada para a elevação do nível do mar e para chuvas (tem muitos outros problemas, mas esse é o principal do Rio de Janeiro), que é a Zona Oeste, que ela siga um modelo a la galega (inaudível) de mercado com condomínio, shopping, justamente na hora que inunda é loucura. Porque esse dinheiro você vai precisar para a favela da Maré; Rio das Pedras; Comunidade Piraquê; para Copacabana e Ipanema, que gera muita renda no entorno. Aquelas áreas todas são extremamente vulneráveis, não precisa levar o (inaudível), então se fizer uma coisa inteligente... Isso é coisa de anos, mas o IPP será convocado. O que é uma coisa inteligente? Obviamente, dinheiro, os caras querem condomínios. Cota de soleira, chama ele lá, chama o nosso professor. Onde a cota de soleira for de tal ordem que você não vai precisar gastar frente a um desastre, você até permite um ou outro, o resto acrescido do dado (inaudível) sempre levanta que aquilo já tem uma ocupação grande de agricultura e, ainda por cima, tem um PIB efetivo e um PIB potencial dessa atividade num local ao lado do Rio de Janeiro, como (inaudível) de alto valor agregado, com floricultura, turismo, com polo culinário, há coisas lá que podem ser feitas que agregam à marca do Rio de Janeiro e não vai precisar gastar muito. Mas se deixar rolar o normal ou o que está acontecendo atualmente, com milícia construindo num ritmo vertiginoso e lá é muito maior que a Muzema...

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: O Campus Fidei, do lado, que é onde o Papa ia... a quantidade de favela que tem ali é impressionante.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Aquilo ali não está todo... a milícia aproveitando o momento. Por conta da crise, uma parte da população que tinha conseguido alugar um local com quarto e sala na Pavuna, Jacarepaguá, não consegue mais e também não tolera a ideia de voltar a morar numa casa de favela (inaudível). São muito bonitinhos os apartamentos, eu morava tranquilo num daqueles. Eles estão fazendo essa oferta à população carente, a milícia. Oferecem uma construção decente do ponto de vista de onde se mora, mas aí o prédio cai e o

problema já não é mais deles, seguindo sua lógica. Na zona oeste não precisa ser esses prédios, como na Muzema, Itanhangá e até mesmo em parte do Rio das Pedras. Lá para depois da Grota Funda, é mais horizontal. Os caras vendem o lote e eles mesmos constroem e entregam rápido para o cara ou então eles dão um prazo para o sujeito construir. O cara tem um prazo, se ele não construir, perde tudo.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: O preço do entulho lá... eles enchem tudo lá de entulho para ter uma soleira mais alta.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Em Rio das Pedras o carioca fez uma coisa que deveria dar uma dissertação de mestrado. Em uma área lá que é muito inundável, Areal, na época do César Maia a Prefeitura tirou todo mundo de lá, pagou indenização e tal. A milícia construiu tudo de novo e ocupou tudo. Na verdade, não foi ela que construiu, ela abriu espaço para as pessoas fazerem. Aí os caras vendo aquele negócio e já tendo a experiência, eles fizeram algo que algum arquiteto tem que fazer uma dissertação: sabe essas lajes de isopor? Algum mestre de obra lá ao invés de fundação, colocou uma laje daquela lá embaixo e várias casas seguidas. E as casas ficaram padrão Holanda.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: É o sistema de radier com isopor.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Tem casa ali que está na terceira ou quarta laje já afundada.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Esse é outro sistema, é o estaca a longo prazo. Vai afundando e constrói em cima e assim vai, vai chegar a um ponto que vai estabilizar. Tecnologia pura isso. Tem a estaca daquele prédio que foi da Caixa, que não acabou, deu 47 metros.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Rio das Pedras eu acho que dá para salvar. Pega o estudo, o (inaudível) domina esse estudo com perfeição e estou dizendo que temos muito problemas de elevação do nível do mar na cidade, mas que comparado a São Gonçalo é tudo (inaudível). É milhão.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Sim, é milhão, tem um milhão de pessoas em São Gonçalo.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Mas em área ameaçada... aqui no Rio é muita decisão que vamos ter que tomar. Eu acho possível salvar o Rio das Pedras, mas tem que gastar uma baba de dinheiro. Estou falando isso porque é típico trabalho do IPP. Mas eu não acho possível salvar Areal e Areinha, é dinheiro demais. O custo-benefício não faz sentido.

Pessoa não identificada: É igual Manguinhos, encheu e esvaziou. O nome é Manguinhos por um motivo, não é porque acharam o nome bonito. Fica construindo ali e não tem jeito, fica investindo um monte de dinheiro ali e não vai resolver nunca.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: a Maré tem uma luta pra travar, não é a favela inteira, mas segundo os estudos do Felipe Mandarino e do Luiz Roberto Arueira, tem problema lá na Maré. Só que lá é fácil de resolver, mas tem que investir e gastar dinheiro.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Em São Gonçalo a situação não é tão ruim como na Maré e outras áreas do Rio de Janeiro. A cota de lá é muito mais... Jardim Catarina, esses lugares todos.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: A cota formal, a informal se você olhar o mapa que o Felipe Mandarino e Luiz Roberto Arueira fizeram com (inaudível) e eu chateando com uns pitacos lá. São Gonçalo hoje, antes da elevação do nível do mar, tem uma vasta área que quando a maré está muito cheia, o esgoto ao invés de ir embora, retorna pela encanação.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: É que ali tem muita hidrografia, não é por causa da cota do soleiro, que é alta.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Tem uma parte enorme da cidade que foi construída em área alegada. Uma trabalhadora doméstica que trabalhou na casa da minha mãe a vida inteira, eu dei a casa em que ela mora em São Gonçalo. Não é nem na beirada, eu tomei esse cuidado, já faz 16 anos. Sabe como é a casa dela hoje? Tudo no segundo andar, que onde só tem o quarto e o banheiro, geladeira etc; no primeiro andar, ela não aguenta mais, deixou para inundar mesmo.

Aparte do conselheiro Paulo Cesar dos Reis: Em que lugar de São Gonçalo? Lá tem muito problema com rios e é assoreado. Se pegar e fizer dragagem... não é como na Zona Oeste, lá é mais abaixo do mar.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Ótima colocação, esse é o principal problema da cidade do Rio. É o que eu vivi no Jardim Botânico, tive que dormir no carro quando teve a enchente. Dependendo da maré a água escoava na rua, mas se der azar da chuva ser quando a maré tá cheia... agora coloca aí um aumento de meio metro no nível do mar. Na maré cheia não é meio metro, é na média que falamos. Meio metro é o cenário mais otimista imaginável e não tem a menor chance de ser verdade. Mas vamos usar o IPCC, o cenário mais otimista, pra ninguém dizer que estamos (sendo catastróficos). Meio metro na média, não tem chance de não ser isso. É na média, duas vezes por dia na maré cheia... Eu dormi no Jardim Botânico porque eu saí e não deu para voltar, eu olhava para o bueiro e a água ao invés de ir embora, estava voltando com a maré cheia.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: A comparação entre a chuva de 1966 e essas últimas chuvas. O índice pluviométrico foi parecido. Só que nessa ocasião, em quatro horas apenas, o índice pluviométrico foi o mesmo. A quantidade de chuva no Alto da Boa Vista foi imensa.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: Caiu o número de mortos. É claro que uma morte já é um horror, mas o número foi muito menor.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Antes as chuvas eram em fevereiro e março, agora estão acontecendo em abril e maio.

Aparte do conselheiro Mauro Osorio: A Globo dizer que nunca se fez nada na cidade do Rio contra enchente é uma barbaridade.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: A Geo-Rio fez coisa pra caramba, ela foi criada por causa disso.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: Eu posso te garantir que muitas chuvas tão fortes quanto a de 1966 e a de 2010 vão acontecer várias vezes nos próximos anos. Por exemplo, eu seria contra piscinão para acabar com inundações na Praça da Bandeira se não fossem as mudanças climáticas. Com as mudanças climáticas, sou inteiramente a favor. É custo benefício. Eu peguei uma inundações lá quando tinha oito anos de idade e peguei outra com meu filho que na época tinha cinco anos. Se fosse de 40 em 40 anos ou de 20 em 20 anos, era muito mais jogo usar software. Adequar as lojas, colocar um sistema de alerta, preparar para fechar o trânsito, mas isso é algo que você faria de 15 em 15 anos. Mas com as mudanças climáticas, é bom fazer o desvio do canal porque vai ser de cinco em cinco anos.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Fizemos um levantamento de todas essas chuvas e fazendo algumas comparações, foi o único ano que o COR (que tem nove anos) alertou a cidade para entrar em estado de crise duas vezes num período tão curto. A cidade tem esse relevo que prejudica, porque a água ganha velocidade, então se acumula muita água em um espaço curto de tempo e não tem muito para onde escoar, se estiver com maré alta, então...

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Os geólogos têm um diagnóstico muito pior, porque eles dizem que o maciço todo, que é uma formação, é inevitável que ele sofra um processo que eles chamam de "pão de açúcarização", porque o miolo é de granito e tem um solo superficial. Mesmo onde não tem ocupação nenhuma, o que acontece: escorre, solta e vai descendo.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: E ele falou uma coisa que é o melhor argumento técnico contra a injustiça que O Globo fez, quando atribuiu esses desabamentos muito sucessivos a um período curto de gestão. Não teria possibilidade nenhuma de ter essa (culpa).

Mas a hipótese que você levantou em um ano só não dá para sabermos, mas eu sou muito sensível a que ela esteja correta. A hipótese de que a encosta desaba quando o solo fica encharcado e aí cai uma grade chuva, gerando desabamento. O solo antes ficava encharcado em dezembro, janeiro e as águas de março fechavam o verão. Já tem 20 anos que as maiores enchentes acontecem em abril e, além do mais, a pluviosidade começou antes. Você falou sobre a “pão de açúcarização” e a grande pergunta é: Esse excesso de desabamentos, será que não tem a ver com o fato de que o encharcamento nesse verão (e aí é só pegar os dados do COR) foi muito mais contínuo por um período mais dilatado e teve chuvas fortes? Isso teria acontecido há 20 anos atrás e o solo encharcou muito mais. E se isso se tornar recorrente?

Aparte do conselheiro Paulo Cesar dos Reis: Vai descolando. Encharca, seca e descola. E aí começa a ter placas...

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: É hora de convocar os botânicos, o Jardim Botânico, a EMBRAPA e já começar a preparar uma cobertura vegetal, um reflorestamento. Nosso foco hoje é recompor a biodiversidade da Mata Atlântica, isso é lindo, mas já deveria começar a olhar quais são as espécies que fazem esse enraizamento mais (profundo).

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Besserman, esse programa já existia na Secretaria de Meio Ambiente e Cultura, que era o Reflorestamento Comunitário. O primeiro esforço do programa era feito em relação às plantas leguminosas, que crescem rápido, fazem sombra, matam o capim colônio e aí você começa a inserir... mas aí acabaram com esse programa por causa daquele mesmo problema da COMLURB, contratação de mão de obra em comunidade.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Ainda tem, não acabou, não.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Mas está muito reduzido, então.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Eram articulados com antigas comunidades. Tinha um reflorestamento em Buriti Congonhas, em Madureira.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Agora voltando aos gases de efeito estufa: naturalmente, essa política, instituída por esse decreto tem medidas que podem ser tomadas pela Prefeitura, diretamente ou indiretamente, por meio de incentivos, por exemplo. Já tem esse tipo de preocupação, também? Nós, como Prefeitura, município, população, o que podemos fazer para diminuir as emissões?

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Isso tudo está sendo agora desenhado. Na verdade, o que o Felipe Mandarino falou sobre o decreto foi uma série de decretos, nós falamos de um deles apenas.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Na época do Eduardo Paes, se não me falha a memória, ele baixou um decreto com várias medidas a serem tomadas.

Felipe Mandarino: É a Lei Municipal, proposta na época pela Aspásia. Foi em 2011, decreto do Eduardo Paes, eu não me lembro.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Mas isso não foi avaliado, não é?

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Na verdade, o que aconteceu ou pelo menos o que a gente conseguiu captar de informação é que tivemos muitas iniciativas. Dizer que o Rio de Janeiro nunca fez nada é um absurdo total. A gente vem sempre reagindo a essa necessidade de adaptação da cidade às chuvas principalmente, aos efeitos de chuva e alagamento, esse é o nosso ponto mais crítico.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Eu estou falando, especificamente, dos gases de efeito estufa.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Com relação ao reflorestamento, existe o projeto da Smack que está sendo reforçado e estamos batendo com o novo secretário para que esse projeto, que já foi muito importante dentro da secretaria, retome esse pioneirismo.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Se você olhar as fotografias do Morro da Babilônia, no Leme, era capim colônia direto, do Leblon...

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Pois é. Teve um impacto bastante relevante em alguns momentos. Está sendo feito todo um processo de convencimento. Mas o fundamental agora, por isso é importante que todos participem, é que a gente precisa efetivamente criar metas. Muita coisa que aconteceu no governo do Eduardo Paes, como o Rio Resiliente, por exemplo, foi uma iniciativa excelente e pioneira, houve um monte de boas ideias ali, mas que ficaram no campo das ideias. Não virou um plano de ação em que eu pudesse falar “Na saúde você tinha que ter feito isso, mas você não fez.”

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Mas não foi nessa época que foi criada as sirenes, as zonas de risco?

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Sim, sim, foi. Mas a gente tem sirene para a questão de risco nas comunidades, mas não temos sirenes para áreas de alagamento. O Eduardo chegou a fazer pela Geo-Rio um mapeamento de risco das áreas mais críticas das comunidades no Maciço da Tijuca, mas não fez da Pedra Branca.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Mas a Geo-Rio tinha essa (inaudível) das zonas de risco. E aí, depois daquela chuva de abril durante o período do Eduardo Paes, em 2010, falávamos brincando “A Geo-Rio aumentou o coeficiente de “cagaço” dos engenheiros”, eles ampliaram muito as áreas porque realmente aquela chuva tomou todo mundo de surpresa.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Mas ele virou presidente da C40?

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Ele virou presidente da C40. Isso se transformou na entrega do Rio Resiliente, mas você pega o programa para ver objetivamente o que tem ali e não é um plano de ação. É algo mais geral, algo na linha “tem que ter mais resiliência em relação às endemias com a implantação de clínicas”, mas agora: quantas clínicas? Em que lugares? O que devemos cobrar de efetividade e qualidade nessa implantação? Não tá ali. Aquela ação que poderia ter sido positiva para a cidade, objetivamente em metas específicas, monitoráveis, parametrizadas, temporais... não sei.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Mas uma política efetiva de reflorestamento na cidade do Rio de Janeiro, com corredores, pode significar uma redução impressionante na emissão. A cidade do Rio é muito privilegiada nesse sentido, aqui pessoas moram perto de áreas florestais. Eu, em Santa Teresa, vejo tucanos e macacos pela minha janela.

Aparte da conselheira Ana Carla Badaró: Temos áreas na cidade em que ainda vale à pena investir no reflorestamento.

Aparte do conselheiro Pedro da Luz: Investir em reflorestamento até para conter o crescimento de comunidades. Era muito o princípio de reflorestamento lá atrás.

Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri: Isso era feito em conjugação com um programa de urbanização, o Favela Bairro. Em que se tinha a comunidade mobilizada, obras de melhoria... tanto que a o Programa passou para a Secretaria de Habitação durante um período. Mas aí o Programa foi meio que desmontado, ficou frágil e aí fica difícil. O que se comprovou é que não adianta fazer por empresa, tem que ser realmente (inaudível) tem um cuidado porque é mais importante do que plantar durante uma determinada quantidade de meses ou anos até.

O presidente Mauro Osorio agradeceu aos presentes e encerrou a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.